

FORMAÇÃO CRÍTICA E EMANCIPATÓRIA: O PAPEL DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

Benedito de Paula Rodrigues¹

Leoni Maria Padilha Henning²

Resumo: Este artigo objetiva discutir a importância da filosofia na formação cidadã dos estudantes. Consideramos que através de metodologias significativas, o ensino de filosofia pode desenvolver uma consciência crítica e o livre exercício do pensamento, conforme argumentado por Formiga (2019). Para este autor, a falta de reflexão crítica pode levar à alienação e à perda de autonomia, destacando a necessidade de uma educação que promova a emancipação intelectual. Adorno (1995) e Dewey (2010) apontam para a dualidade da educação entre adaptação e emancipação, e a importância do pensamento reflexivo. O artigo também aborda os desafios de tornar conceitos filosóficos acessíveis e relevantes, a necessidade de professores bem preparados, e a integração entre teoria e prática para uma melhor qualidade do ensino de filosofia. Concluímos que a filosofia é fundamental para formação de cidadãos críticos e conscientes, capazes de contribuir para construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia. Ensino Médio. Formação Cidadã

¹ Mestrando em Filosofia no programa Prof-Filo (mestrado profissional) pela UFSCAR, com início em 2024. Graduado em Filosofia pelo Instituto de Filosofia São Boaventura (1998) e pela Universidade São Francisco (2001). Também concluiu as seguintes graduações: Educação Física (UNIFAVENI, 2022), Pedagogia (Faculdade Integrada de Mirassol, 2003). Atualmente é professor de Filosofia na EE. Prof. Carlos Castilho, em Guapiaçu e na EE. Aberto Andaló, em Rio Preto. E-mail: beneditop@prof.educacao.sp.gov.br bene.2014.2015@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1567-4000> Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5142245946599694>

² Docente do Núcleo 1 - Filosofia e Educação, no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina, exercendo atualmente suas funções como professora sênior. É graduada em filosofia (UFPR, 1974), tendo obtido os títulos de *master of education* (MSU, 1977); *master of science* (ISU, 1991); doutorado em educação (UNESP, 2003); pós-doutorado em filosofia (UFSC, 2014). E-mail: leoni.henning@yahoo.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8004-2371> Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8165332587246727>.

CRITICAL AND EMANCIPATORY EDUCATION: THE ROLE OF PHILOSOPHY IN SECONDARY EDUCATION

Abstract: This article aims to discuss the importance of philosophy in the civic education of students. We believe that through meaningful methodologies, the teaching of philosophy can develop critical awareness and the free exercise of thought, as argued by Formiga (2019). For this author, the lack of critical reflection can lead to alienation and loss of autonomy, highlighting the need for an education that promotes intellectual emancipation. Adorno (1995) and Dewey (2010) point to the duality of education between adaptation and emancipation, and the importance of reflective thinking. The article also addresses the challenges of making philosophical concepts accessible and relevant, the need for well-prepared teachers, and the integration between theory and practice for a better quality of philosophy teaching. We conclude that philosophy is fundamental for the formation of critical and conscious citizens, capable of contributing to the construction of a more just and equitable society.

Keywords: Philosophy Teaching. High School. Citizenship Education

FORMAÇÃO CRÍTICA E EMANCIPATÓRIA: O PAPEL DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

A disciplina de filosofia no ensino médio é essencial para a formação cidadã dos estudantes. Na literatura sobre o ensino de filosofia, encontramos várias argumentações relevantes que apontam metodologias significativas que podem contribuir com práticas robustas para seu ensino. Para Formiga (2019), o objetivo do ensino de filosofia dentre outras intenções é desenvolver uma consciência crítica que permita o livre exercício do pensamento.

Se o indivíduo não consegue refletir sobre os valores que constituem seu modo de vida - seja na política, na economia, na cultura - e que orientam suas ações, outros, em outro lugar e situação estarão decidindo e pensando por ele. (Formiga, 2019, p. 80-81).

O autor faz um alerta que, se os indivíduos não questionarem de maneira crítica seu modo de ser e de viver, podem perder a consciência de si mesmos e se tornarem dependentes das decisões e pensamentos de outros caracterizando uma experiência pautada na heteronomia. Isso resulta em uma vida alienada e manipulada, onde os

indivíduos não exercem sua própria capacidade crítica e emancipação, conforme a visão de Adorno, como veremos mais adiante. Em essência, a falta de reflexão crítica sobre os valores que orientam a vida leva à submissão e à perda da autonomia. “Por isso é preciso filosofia, como uma exigência teórico-especulativa, uma exigência da própria vida humana. (Formiga, 2019, p. 81).

Para o autor, uma educação que não promova o pensamento crítico dos estudantes, aos anseios de emancipação, deixa de cumprir com as finalidades dela própria. Isso inclui a capacidade de julgar ideologias nas sociedades democráticas, exercitar livremente as ideias, pensar de forma independente e, finalmente, alcançar a emancipação intelectual. Formiga (2019) afirma que,

Podemos afirmar que temos um propósito para o Ensino de Filosofia: trata-se de ajudar a formar uma consciência não somente abstrata, mas que tenha condições do seu livre exercício, buscando afirmar o bom uso da capacidade de julgar as manifestações ideológicas nas sociedades democráticas, livre exercício das ideias, pensar por si, e enfim, se emancipar. (Formiga, 2019, p. 93)

Seguindo as afirmações de Formiga (2019), podemos verificar que a filosofia no ensino médio é uma ferramenta fundamental para a formação de cidadãos críticos e conscientes. Ao incentivar o desenvolvimento de uma consciência crítica e o livre exercício do pensamento, a disciplina prepara os estudantes para julgarem ideologias de maneira independente e expressarem suas ideias com liberdade. Dessa forma, o ensino de filosofia não só promove a emancipação intelectual dos jovens, mas também fortalece a democracia, formando indivíduos capazes de contribuir ativamente para uma sociedade mais justa e equitativa.

Contudo, ao elegermos o ensino de filosofia como ferramenta para formação cidadã dos estudantes, não queremos dizer que esta seja uma atividade simples e de fácil execução. A filosofia lida com conceitos abstratos e teorias complexas que podem ser difíceis, à primeira vista, para os estudantes compreenderem e relacionarem com suas próprias experiências. Tornar esses conceitos acessíveis e relevantes para os estudantes do ensino médio, exige habilidades pedagógicas avançadas. Outra questão é promover o pensamento crítico dos estudantes, isto não é uma tarefa simples, requer que os estudantes questionem suas próprias crenças e preconceitos, o que pode ser desconfortável e desafiador. Além disso, os professores precisam criar um ambiente favorável para essas discussões. A filosofia abrange uma ampla gama de perspectivas e tradições. Ensinar essa diversidade de maneira significativa e justa, sem favorecer uma visão específica, exige do professor de filosofia domínio mínimo e segurança para

abordar os conteúdos e mediar as discussões. Assim, os professores precisam estar bem preparados e informados sobre diferentes correntes filosóficas e as várias formas práticas desse ensino. A falta de formação adequada pode prejudicar a qualidade do ensino. Programas de aperfeiçoamento profissional contínuo são essenciais para garantir que os professores estejam bem preparados e em condições de lidar com questões complexas que demandam o ensino de filosofia.

De modo geral, a educação desempenha um papel crucial na formação da consciência dos indivíduos e na construção de uma sociedade mais justa e equitativa. No entanto, a função da educação vai além da simples adaptação dos indivíduos às normas e exigências sociais. É fundamental que a educação também promova a emancipação e a conscientização, permitindo que os indivíduos desenvolvam uma visão crítica do mundo ao seu redor. Nesse contexto, Theodor Adorno, um dos principais pensadores da Escola de Frankfurt, destaca a importância de uma educação que não se limite a produzir indivíduos bem ajustados, mas que também os prepare para questionar e transformar a realidade. Assim afirma o autor:

De um certo modo, emancipação significa o mesmo que conscientização, racionalidade. Mas a realidade sempre é simultaneamente uma comprovação da realidade, e esta envolve continuamente um movimento de adaptação. A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém ela seria igualmente questionável se ficasse nisto, produzindo nada além de well adjusted people, pessoas bem ajustadas, em consequência do que a situação existente se impõe precisamente no que tem de pior. (ADORNO, 1995, p. 143).

Theodor Adorno destaca a dualidade da educação em seu papel de adaptação e emancipação. Ele enfatiza que a educação deve equilibrar a adaptação dos indivíduos às realidades sociais com a promoção da emancipação e conscientização. A educação não deve apenas preparar os indivíduos para se ajustarem ao mundo, mas também capacitá-los a questionar e transformar a realidade. Adorno critica uma educação que se limita a produzir "pessoas bem ajustadas". Ele argumenta que tal abordagem concorre para perpetuar as piores características da situação existente, ao invés de promover mudanças positivas. A emancipação, para Adorno, está intimamente ligada à conscientização e à racionalidade. A educação deve fomentar a capacidade crítica dos indivíduos, permitindo-lhes compreender e questionar as ideologias e estruturas sociais. Nesse contexto o ensino de filosofia pode propor significativas contribuições. Adorno vê a educação como uma ferramenta potencial para a transformação social. Ao

promover a conscientização e a capacidade crítica, o processo educacional pode capacitar os indivíduos a desafiar e mudar as condições sociais injustas.

Nessa linha de considerações, podemos lembrar da posição de John Dewey ao abordar o pensamento reflexivo como possibilidade de emancipação dos estudantes. Podemos dizer que para o autor, a filosofia não apenas amplia o horizonte de conhecimento dos estudantes, mas também tem um potencial indiscutível para capacitá-los a pensar de forma crítica e reflexiva, encontrando sentido e significado em suas aprendizagens. Dewey, (2010) sobre o pensamento reflexivo, diz,

Em primeiro lugar, é uma capacidade que nos emancipa da ação unicamente impulsiva e rotineira. Dito mais positivamente: o pensamento faz-nos capazes de dirigir nossas atividades com previsão e de planejar de acordo com fins em vista ou propósitos de que somos conscientes; de agir deliberada e intencionalmente a fim de atingir futuros objetos ou obter domínio sobre o que está, no momento, distante e ausente. (Dewey 2010, p. 111).

Dewey diz que o ato de pensar nos liberta de agir apenas por impulso ou hábito de maneira alienada. Em vez disso, o pensamento nos permite planejar ações com antecedência e com objetivos claros em mente. Isso demonstra que podemos agir de forma deliberada e intencional para alcançar metas futuras ou controlar situações que ainda não estão presentes. De acordo com Dewey, podemos afirmar que o pensamento reflexivo nos ajuda a ser mais conscientes e estratégicos em nossas ações, em vez de apenas reagir automaticamente ao que acontece ao nosso redor.

A prática reflexiva, em particular no ensino de filosofia, é essencial nesse processo, pois incentiva os alunos a questionarem suas próprias crenças e valores, promovendo uma compreensão mais profunda de si mesmos e do mundo ao seu redor. Para Formiga, 2019 [...] o ensino de Filosofia é capaz de proporcionar uma formação autônoma e esclarecida de alunos do Ensino Médio. (Formiga, 2019, p. 13). Contudo, a prática reflexiva no ensino de filosofia envolve diversas metodologias que estimulam o pensamento crítico. Entre elas, destacam-se os debates em sala de aula, a análise de textos filosóficos clássicos e contemporâneos, e a aplicação de conceitos filosóficos a situações cotidianas. Sobre o ensino da filosofia nas escolas públicas, justificado pela conexão entre teoria e prática, diz Dewey, [...] uma nova filosofia da experiência e do conhecimento, filosofia que não mais põe a experiência em oposição com os conhecimentos e explicações racionais. (Dewey 1979, p. 300). Para o autor,

Devido à ausência de materiais e ocupações que gerem problemas reais, os problemas do aluno não são seus; ou antes, são seus unicamente em sua qualidade de alunos, mas não em sua qualidade de seres humanos. Daí uma lamentável decepção quando se procura aplicar fora do âmbito da escola os conhecimentos adquiridos por essa forma. (Dewey, 1979. p. 171)

Dewey faz uma crítica sobre a maneira como a educação é frequentemente estruturada nas escolas. Ele argumenta que os problemas e tarefas que os alunos enfrentam na escola cotidianamente, muitas vezes não refletem os desafios que eles encontrarão na vida real. “O aluno estuda, mas, sem disto ter consciência, os objetos de seu estudo são as convenções e modelos do sistema escolar e da autoridade escolar e não os estudos em si mesmos.” (Dewey, 1979, p. 171). Em outras palavras, os problemas simplesmente configuram, neste caso, “problemas de alunos” em vez de favorecerem o entendimento dos “problemas humanos”. É verdade que não devemos levar os alunos a se desconectarem da realidade, precisamente quando tentam aplicar o que aprenderam na escola em situações concretas fora dela. Eles podem se sentir decepcionados ou confusos quando descobrem que os conhecimentos e habilidades que adquiriram na escola não se traduzem diretamente em habilidades úteis na vida cotidiana, podendo até desconfiarem da validade dos conhecimentos coletados junto aos seus professores. Desta maneira podemos aferir com base na citação supracitada que Dewey defende uma abordagem experiencial de aprendizado aliada à prática, em que os alunos sejam confrontados com problemas que refletem os desafios que enfrentarão como seres humanos no mundo real. Isso tornará a aprendizagem mais relevante e significativa para os alunos. Dewey argumenta que o verdadeiro material para o pensamento não reside nos próprios pensamentos dizendo, “[...] o material para o pensamento não são os pensamentos, e sim as ações, os fatos, os acontecimentos e as relações entre as coisas.” (Dewey, 1979, p. 172).

Para Dewey, o modelo de educação tradicional reforça a separação entre o que é aprendido na escola e a aplicação prática desses conhecimentos na vida real dos estudantes. A educação contemporânea enfrenta desafios que vão além da simples transmissão de conhecimento. Em um mundo cada vez mais dinâmico e interconectado, é essencial que o processo de ensino-aprendizagem se adapte às necessidades reais dos alunos, transcendendo os limites físicos da sala de aula. Para Medeiros (1994), “Eis o porquê de a experiência ser a base da filosofia deweyana. Ela determina a própria forma e a substância da reflexão filosófica deweyana, que, por sua vez, une razão e experiência empírica.” (Medeiros 1994, p. 55). Medeiros afirma que, para Dewey, a

experiência é fundamental. A filosofia de Dewey é baseada nas experiências que temos na vida real. Essas experiências moldam a maneira como pensamos e refletimos sobre o mundo. Em outras palavras, Medeiros (1994), diz que Dewey acredita que a razão (nosso pensamento lógico) e a experiência empírica (o que vivenciamos) estão interligadas. Assim, a filosofia de deweyana une essas duas coisas, mostrando que nosso entendimento do mundo vem tanto do que pensamos quanto do que experimentamos. Nossas experiências são a base de como pensamos e entendemos o mundo. Parcianello (2012), diz que “O processo ensino-aprendizagem deve ultrapassar o espaço das paredes da escola e interagir com as reais necessidades dos educandos.”(Parcianello, 2012, p. 78) Contudo, vemos que a escola concentra grande esforço em transmitir conhecimentos teóricos, dissociados da realidade que muitas vezes não têm aplicação direta na vida cotidiana dos alunos levando a uma sensação de desconexão e irrelevância, em relação ao que se aprende na escola, e leva os alunos a se perguntarem por que estão aprendendo certas coisas se não conseguem ver como isso se aplica à sua vida.

Cabe dizer aqui, que este modelo tradicional de educação serviu a um modelo antigo de sociedade e que, para Dewey, não atende às exigências educacionais como ferramenta para que os imaturos lidem com sua realidade num mundo novo sequioso por desenvolvimento levado pelo dinamismo de uma época mais progressiva. O autor defendia uma educação em que o aprendizado caminhasse junto com o fazer, ou seja, “aprender fazendo”, em que os alunos fossem encorajados a aprender através da experiência direta e da resolução de problemas práticos. Segundo Cunha, (2001) “A proposta deweyana é que a filosofia seja uma reflexão sobre a experiência dos homens no mundo real e não uma guardiã da verdade, um farol condutor da humanidade na direção do Bem.” (CUNHA, 2001, p. 88) A educação contemporânea tem se afastado de um modelo tradicional focado exclusivamente na transmissão de conteúdos, buscando, em vez disso, promover uma integração mais significativa entre o aluno e seu ambiente social. Nesse contexto, a escola assume um papel fundamental ao facilitar a adaptação natural do indivíduo ao seu meio, permitindo que ele se desenvolva de maneira ativa. Como destaca Silva (2013):

Nesta tendência pedagógica, o papel da escola saltava da ênfase dos conteúdos para a adequação do indivíduo ao meio social; a escola deveria aproximar-se à vida do educando para que ele se adaptasse ao meio de maneira natural. Assim, o aluno poderia construir e reconstruir ativamente o objeto. As atividades de aprendizagem estavam calcadas na perspectiva do

aprender fazendo, ou seja, os estudos estavam centrados nas experiências, no trabalho em grupo e nas descobertas que os alunos faziam por meio da pesquisa: (Silva, 2013, p. 85)

Essa perspectiva apresentada por Silva (2013) ressalta a importância de uma abordagem educacional que valorize a experiência prática e a interação social como pilares do aprendizado. Ao permitir que os alunos construam e reconstruam ativamente seus conhecimentos, a escola não apenas facilita a assimilação de conteúdos, mas também promove o desenvolvimento de habilidades críticas e colaborativas. Dessa forma, a educação se torna um processo dinâmico e contínuo, onde o aluno é protagonista de sua própria aprendizagem, explorando e descobrindo o mundo ao seu redor de maneira significativa e contextualizada.

Esta abordagem pode ajudar a tornar o aprendizado mais relevante e significativo para os alunos, pois torna possível ver diretamente como o que estão aprendendo se aplica à sua vida cotidianamente. No entanto, é importante notar que nem todos os conhecimentos adquiridos na escola terão uma aplicação direta e imediata na vida cotidiana. Não é o caso de desmerecer o conhecimento teórico, pois este é fundamental para o desenvolvimento do pensamento crítico e da compreensão do mundo, mesmo que sua aplicação prática não seja imediatamente aparente. Segundo Cunha, “O papel do filósofo devia ser guiado não pela busca da verdade, mas pelo reconhecimento da mutabilidade permanente do mundo, acompanhado pelo olhar crítico dirigido às necessidades sugeridas pela experiência coletiva.” (Cunha, 2001, p. 91). Assim, a educação escolar deve buscar um equilíbrio entre a transmissão de conhecimentos fundamentais e a promoção de aprendizagens práticas e relevantes. As atividades práticas devem ser o elo de ligação entre o estágio inicial do aluno e o limite remoto estabelecido pelo professor. Isso pode ajudar a garantir que os alunos encontrem significado no que estão aprendendo e se sintam mais engajados no processo de aprendizagem encontrando significação nas suas aprendizagens. Sobre esta questão afirma Dewey,

No aprendizado, as energias ou poderes atuais do aluno são o estágio inicial; o objetivo do professor representa o limite remoto. Entre os dois ficam os meios — isto é, as condições intermediárias: atos a ser praticados; obstáculos a superar; instrumentos a usar e aplicações a fazer. Somente por meio deles, no sentido literal de tempo, as atividades iniciais chegarão a um remate satisfatório. (Dewey, 1979, p. 139)

John Dewey descreve o caminho a ser percorrido para o aprendizado dos alunos. Suas energias ou poderes atuais são o ponto de partida para as suas aprendizagens. Refere-se ao conhecimento, habilidades e capacidades que o aluno já possui ao chegar na escola. Ele deve ser visto como alguém que se encontra em desenvolvimento no processo das aprendizagens e não como uma “tábula rasa”. O objetivo do professor está no objetivo final do processo de aprendizado dos estudantes. É onde o professor espera que o aluno chegue ao final do processo educacional. Os meios ou condições intermediárias são os passos que o aluno deve dar para passar de seu estado atual para o objetivo final. Isto inclui atividades a serem realizadas, desafios a serem superados, ferramentas a serem utilizadas e aplicações a serem feitas. Dewey diz que “[...] o processo educativo é um processo de contínuo desenvolvimento, tendo como objetivo, em cada fase, uma capacidade aumentada de desenvolvimento.” (Dewey, 1979, p. 58). Ele enfatiza que o aprendizado é um processo e como vimos, esse se dá nas realizações das tarefas a serem realizadas sob orientação direta do professor. Não é suficiente simplesmente apresentar informações aos alunos, embora isso deva estar presente, fazendo parte do processo. Eles devem ser guiados através de uma série de etapas que os ajudem a integrar esse novo conhecimento às suas experiências existentes. Somente através deste processo, as atividades iniciais do aluno podem chegar a um resultado satisfatório. Diz Dewey que,

A concepção de que o espírito consiste naquilo que foi ensinado e que a importância do que foi ensinado consiste em sua utilidade para o ensino ulterior, reflete a opinião do pedagogo sobre a vida. Esta filosofia é eloquente sobre o dever do professor de instruir os discípulos — e é quase silenciosa sobre seu privilégio de aprender. (Dewey, 1979, p. 77)

Dewey faz uma crítica à concepção de educação que valoriza apenas o conteúdo que é ensinado e a sua utilidade para futuros ensinamentos e argumentando que essa visão reflete a perspectiva do educador sobre a vida e a aprendizagem. A frase “o espírito consiste naquilo que foi ensinado”, (Dewey, 1979, p. 77) sugere que, nesta visão, a mente do aluno é vista apenas como um recipiente para o conhecimento que será transmitido pelo professor. Porém, nesse caso, a importância do que é ensinado é medida apenas pela sua utilidade para futuros ensinamentos e necessidades, não pelo seu valor intrínseco ou pela sua relevância para a vida do aluno. Essa abordagem educacional pode levar a um ensino desconectado e desinteressante, em que os alunos não veem o propósito ou a relevância do que estão aprendendo. Dewey também critica a ideia de que o papel do professor é apenas instruir os alunos, sem considerar o seu

próprio aprendizado como participante ativo de todo o processo. Ele sugere que essa visão da educação é “quase silenciosa sobre seu privilégio de aprender”, ou seja, ignora a ideia de que os professores também aprendem com o processo de ensino. As aprendizagens também se dão no ensino. Freire (1996) diz que,

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (Freire, 1996, p. 17)

O processo educativo é uma via de mão dupla, onde tanto o professor quanto o aluno são sujeitos ativos. Para Freire ensinar e aprender são ações que se complementam e se enriquecem mutuamente. Ao ensinar, o educador também aprende, pois está constantemente refletindo sobre sua prática e interagindo com os conhecimentos e experiências dos alunos. Da mesma forma, ao aprender, o aluno também ensina, trazendo suas perspectivas e questionamentos que desafiam e ampliam o entendimento do professor.

Essa visão de Freire promove uma educação dialógica, onde o conhecimento é construído coletivamente e todos os envolvidos são valorizados como participantes ativos no processo educativo. Isso rompe com a ideia tradicional de que o professor é o único detentor do saber e o aluno um receptor passivo, promovendo uma relação mais democrática e colaborativa na sala de aula.

Assim, podemos concluir que, o professor enquanto ensina também aprende e o valor do que é ensinado não é medido apenas pela sua utilidade para futuros ensinamentos. O papel do professor não é apenas instruir, mas também aprender. Assim, todos aqueles que propõem a profissão de professor são “eternos aprendizes” ao longo da vida, constantemente atualizando seu próprio conhecimento e habilidades através do ensino aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- CUNHA, Marcus Vinicius da. **John Dewey e o pensamento educacional brasileiro: a centralidade da noção de movimento**. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, campus de Araraquara, 2001.

- DEWEY, John. **Democracia e educação: introdução à filosofia da educação**. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. 4. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.
- DEWEY, John. **Robert B. Westbrook**; Anísio Teixeira; José Eustáquio Romão; Verone Lane Rodrigues (orgs.). Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.
- FORMIGA, Jean Carlos Dantas. **Contribuição do ensino de filosofia para a formação autônoma e emancipada de alunos do ensino médio**. 2019. 108 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Filosofia) – Universidade Federal do Ceará, Curitiba, 2019.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura). ISBN 85-219-0243-3.
- MEDEIROS, Valéria Antonia. **O conceito experiência em educação: John Dewey versus formadores**. 1994. 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1994.
- PARCIANELLO, Angeluce Comoretto. **A filosofia no ensino médio: a prática na sala de aula**. Revista Opinião Filosófica, Porto Alegre, v. 03, n. 01, 2012.
- SILVA, Gilmara Belmiro da. **A mediação pedagógica em Vygotsky, Comênio, Herbart, Dewey e Skinner: processos de ensino e aprendizagem**. 2013. 104 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013. Orientador: João Luiz Gasparin.